

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Módas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

MÓDAS.



Eis-nos, amáveis leitoras, na estação dos bailes; e portanto não deixará de ser-vos agradável, que aqui consignemos algumas informações geraes sobre a moda.

Os vestidos de baile são muito decotados e de corpinho mui espartilhado. Para as senhoras solteiras e jovens desposadas, os vestidos de filó-illusão, de garça ou de turlatana bordada, são os que de melhor se usa; para as solteiras, os ornamentos em fitas são os preferidos; para as jovens desposadas a moda balança entre as fitas e as flores. Para *toilette* mais serio sempre os bellos *moires* antigos, os brocados e os estofos de seda china (*lampas*), de saias lisas ou guarnecidas de renda. Para vestidos muito enfeitados e *toilette* de um grande jantur, ou dos theatros, principalmente o lyrico, a nomeada pertence aos corpinhos decotados quadradamente, ornados de rendas e de macinhos de fitas collocados na frente do corpinho. Os *toilettes* de passeio ou visita conservão as abas, mas abas em preguinhas, que é o genero que predomina.

Tem tido em Pariz grande acceitação as sahidas de baile em peluccias riscadas em vuez: este *per-cima* de que na gravura do N.º 11 deste Jornal já reproduzimos a graciosa imagem, era visto nos bailes, nos theatros, enfim, em toda a parte. Nada mais encantador do que ver um grupo de lindas senhoras, esperando as suas

carruagens no vestibulo dos theatros ou palacios, quentamente embrulhadas nesses delicados vestuarios, uns brancos e verde loureiro, outros brancos e còr de rosa, aquelle azul celeste, etc.; agradável misteforio de còres, que faz lembrar os trajas pittorescos de Veneza e da Italia.

Fazem-se tambem muitos vestidos elegantes, brancos ricamente bordados em relevo e a ponto d'armas com abertos d'Alençon. Estes vestidos quasi todos ornados de suspensorios de fitas, terminando na cintura por um laço de pontas fluctuantes formando cinto, são muito adoptados para *toilette* de interior, quando se tracta de um pequeno *soirée* sem apparato, porque é de bom gosto que o traje de uma dona de casa seja simples e sem pretensões, o que faz que muitas jovens senhoras deem a preferéncia a esta qualidade de vestidos.

Os leques são indispensaveis nos bailes, nos concertos, ou no theatro; pois este complemento do *toilette*, que é ao mesmo tempo um adorno e uma distracção, tem demais para as senhoras a preciosa vantagem de offerecer a occasião de demonstrar a graça de um braço polido e bem torneado, e de fazer valer a belleza de uma mão branca como o marfim.

Estão em vogo os chapéos alongados, e a unica novidade que ultimamente apresentavão, consiste nos accessorios: tambem se usara

muito os chapéus de palha, Belgas, de Staja, de Colourg, cujas fôrmas serão pequenas e bem conchegadas ao semblante, os fundos ou copas elegantes e bem derribadas.

Emprega-se com profusão a pellicia para ornato de vestidos de meninas, e fazem-se insetos-colletes, genero muito em moda para o inverno, inteiramente em pellicia, quer cinzenta, quer listradas em riez, e que é ao mesmo tempo quente e elegante.

Nada tambem é mais lindo para vestuario de meninos, do que as elegantes pequenas vestias em veludo acompanhadas de saíotes mui amplos

de popeline de Irlanda e blouses de veludo, cobertas adjante de alamares de pelissas.

No momento em que a fadiga dos bailes desbota as frescas côres das jovens senhoras, recommendamos-lhes o uso do vinagre odzatico hygienico de Legrand. Este vinagre, de um cheiro delicado e suave, deitado em um banho, tonifica e refresca ao mesmo tempo a pelle: o seu emprego é muito salutar. Para as senhoras a quem a extrema delicadeza do epiderme das mãos se recusa ao uso do sabão, aconselhamos a massa real de avêlas do mesmo author, que embranqueando e limpando perfeitamente as mãos, communica uma grande macieza á pelle.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE BAILE. — Vestido de tafetá côr de rosa, com saia e folhos de filô de Lyon e ornados de uma fita de garça direita de uma orla e ondulada da outra com desenhos assentados seguindo as ondulações. Uma pontilha de seda branca e preta borda os dous lados da fita e lhe dá muito realce.

Cabeção decotado em coração orlado de uma dupla blonda em fotos: uma camisinha em entremeio sobresahe ao cabeção para lhe diminuir o effeito do decotado. No centro do corpinho ha um grande laço de fitas em quatro chapas e duas pontas e abaixo um segunde mais pequeno e meio occulto pelas pontas do primeiro.

As mangas são de filô entufadas e com laços de fitas que as reergue sobre o braço.

A saia de filô cobre todo o vestido e sobre ella ha um folho: nove ordens de fitas guarnecem este *toilette*, sendo as tres primeiras sobre a saia e as outras seis sobre o folho; quatro prisões da mesma fita partem da cintura (duas por diante e duas por traz) e descem sobre a saia, uma do lado dianteiro chega até a quinta ordem de fitas onde termina por um laço de duas pontas, a outra do lado opposto, não chega senão á tercei-

ra ordem e termina do mesmo modo, por detraz existe identica irregularidade de altura.

Penteado em bandôes entufados redeitados sobre os lados; o laço que se faz com a trança dos cabellos é pouco saliente e cahe baixo sobre a nuca: duas meias cordas de *marabouts* cor de rosa collocadas entre os bandôes e o laço vem com suas extremidades delicadas morrer no alto da cabeça.

VESTUARIO ENFEITADO DE MENINA DE 5 A 7 ANOS. — Vestido de nobresa branca guarnecido de pellicia e pequenas borlinhas em frôco: corpinho chato, aberto quadradamente e direito adiante até a saia, a qual, sendo mui ampla é guarnecida de duas tiras de pellicia azul entre as quaes ha suspensas pequenas borlinhas de frôco, que tambem se deixão vêr nas mangas e no corpinho em que seis presilhas de seda o prendem na frente, em fôrma de alamares, terminando de cada lado com uma borlasinha. Uma pequena camisinha de fazenda bordada, com entremeio de rendas guarnece e cobre o peito.

VESTUARIO PHANTASTICO DE MENINO — Uniforme de um general Turco moderno.

CHRONICA DOS SALÕES.

Lá passou outra semana, que ficou registada no grande livro do passado, e cabe-me tambem a tarefa de registrar na colleção de meus artigos os factos mais notaveis dos nossos salões: que por acaso tenho tido logar no decurso destes sete dias.

Não houve nesta semana, como em outras tem acontecido, uma alluvia de noticias dignas de vos serem contadas, como em outros artigos o temos feito. Mas se por um lado não tenho muita materia sobre que discorrer, faz parte della um facto que só tem logar uma vez no anno, quando a isso se não oppõe a pobreza: isto é, teve logar a precissão de S. Jorge, que não obstante ser

Santo e general deixou de sahir o anno passado por não ter fardamento digno de apparecer em publico. E' que o monopolio que a todos se tem tornado sensivel e a todos tornou mais pobres fez differença até a um Santo, cujo soldo, talvez de reformado pela tabella antiga, não, lhe proporcionava meios para despezas extraordinarias. Se isto aconteceu a quem não tem mulher nem filhos, avaliai, minhas amigas, em que apuros se achão os militares pobres carregados de familia. Isto seja dito de passagem para que nos não deixemos fascinar pela elegancia de uma farda nem pelas phantasias das glorias militares

Devo, porém, entrar na enumeração dos factos

occorridos, e não quero destrahir-me com estas considerações, pelas quaes poderia alguma de minhas estimaveis amigas indispor-se connigo por amor de alguma elegante defensor do throno e da patria. Entre em materia.

No sabbado passado teve logar o baile da sociedade *Sylphide*, cujo presidente, auxiliado pela digna directoria, continúa a esforçar-se para levar esta sociedade ao mais alto gráo de brilhantismo. Nada direi sobre a abundancia e acção dos serviços, nem sobre a escolha de musicas bem executadas: mas notar-vos-hei que nessa noite apparecerão nesse baile tantos *toilettes* interessantes e tão variados como ha muito tempo se não tem reunido em baile algum. Os vestidos pretos ornados de flores escarlates; os brancos guarnecidos de fitas azues; as sedas de xadrez; os penteados enfeitados com flores naturaes; os collos adornados com lindas camelias, sobre as quaes pendem do pescoço uma pequena cruz de ouro ou uma medalha; os vestidos azues guarnecidos de rendas brancas e rosas artificiaes da mesma cor; os lindos e variados *bouquets* occupando as delicadas mãos das lindas *sylphides* dos nossos salões: tudo isto, leitoras, reflectindo os raios multi-colores partidos das innumeraz luzes que guarnecem o templo de *Therspicore*, formão uma scena fasciadora, na qual se prendem os olhos avidos dos nossos elegantes e amaveis cavalheiros, cujos pensamentos se abstrahem na meditação de mil graças naturaes, na apreciação de mil risos seductores, na contemplação de mil olhares arrebatadores e expressivos; e neste abstrahir escapa-se a razão desses cerebros encandescidos pelo sangue refluído do coração, pela excitação nervosa que lhe transmittem os sentidos. Não sei se nesta minha explicação eu disse alguma asueira; mas sabendo que não entendo da competente sciencia, sereis benignas para desculpar-me os erros, posto que não possais desculpar-me a temeridade de me intrometer em cousas que não devo.

Na terça-feira teve logar o baile do *Cassin*.

Fluminense na salão da sociedade *Phil' Euterpe*. Comquanto o luto da córte não permittisse o comparecimento de Suas Magestades, e fizesse que muitas das mais assiduaz senhoras desta sociedade trajassem *toilettes* pretos, foi todavia a reunião tão brilhante e concorrida como rica pelos serviços que forão oferecidos aos convidados e socios.

Na quarta-feira houve a infallível partida do *Club Fluminense*. Sentindo a falta de algumas senhoras que ahi costumão comparecer, e destas algumas forçadas por um triste e lamentavel incidente, que evitamos descrever, foi todavia esta reunião cheia de interesse e concorrida por bom numero de cavalheiros, e entre estes bastantes deputados das provincias, para quem a instituição do *Club* foi uma inspiração do céo.

Na quinta-feira teve logar a procissão do Corpo de Deos, ou de S. Jorge, com a pompa e magnificencia que convinha a tão respeitoso acto. As ruas por onde transitou a procissão encherão-se de tropa e povo, e todas as janellas se guarnecerão de senhoras, entre as quaes se achou tambem esta vossa respeitadora amiga, que teve occasião de apreciar a elegancia de muitas bellas, cujo bom gosto e luxo nada deixavão a desejar. Depois da procissão houverão muitos e esplendidos jantares em diversas casas, e ainda em algumas d'ellas tornarão-se as companhias depois mais numerosas, e se conservarão até alta noite entretidas em reuniões onde se cantou e se dançou quanto foi agradável e quanto o permittiu a estação que já não encommoda pelo calor que ha pouco tempo affugentava muita gente das reuniões e privava uma boa porção do agradável passatempo da dança. Deste dia para cá não me constou que occorresse mais cousa alguma digna de menção; mas no caso que tenha havido, não ficará ignorada, e me informarei convenientemente para vos noticiar com todo o interesse e exactidão com que sempre se dirige a vós a vossa

Alina.

JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 22.)

III.

Em que torna a fallar o Sr. Peres.

Que sin duda querrá un moro;
Lo que olvidare a un cristiano.

ROMANCEIRO.

— Aqui está o Sr. Peres, disserão os escudeiros reunidos no aposento do pagem. Elle é que nos póde contar o que se tem passado.

Peres entrou com passos lentos e ar mysterioso, e sentou-se gravemente, olhando para o tecto, como se o preoccupassem os mais profundos pensamentos.

— Senhor Peres, disse um pagem, esperava-se a sua chegada com muita impaciencia.

— Porque? Ha alguma cousa de novo? perguntou o Peres, como homem que pretende affectar ignorancia, para dar mais importancia ao seu segredo.

— Se ha alguma cousa de novo? Pois o Sr. Peres não sabe?

— Não sei nada.

— Pois com effeito não sabe nada? quando todos sabem, e o senhor mesmo confesso ao senhor marquez, que a tinha visto passar como um môcho proximo das muralhas?

— Dessas cousas não deve fallar-se... porque são cousas que... é melhor calar.

— Em muito pouca conta nos tem o Sr. Peres, se julga que não somos capazes de guardar-lhe segredo. Então somos nós alguns tagarellas?

— Não quero dizer isso, mas o caso do Mouro soube-se, e o senhor marquez reprehendeu-me de eu andar sempre com estes contos.

— Pois eu cá não disse nada.

— Nem eu.

— Nem eu, repetirão muitas vezes.

— São cousas que a final de contas vem parar em em encantamentos, ainda que peze aos que se riem...

— Tornamos ao thema favorito, acudiu Marinilla.

— Para que ha de encaixar a carapuça em si, Sr. Marinilla? eu dirigi-lhe alguma pergunta?

— Olhe, Sr. Peres, se me eu risse não fazia nenhuma asueira; pois quem é que deve acreditar em historias como a do Mouro?!

— O Sr. Marinilla está muito afouto depois do caso do Mouro; como se o tivesse morto!...

— Não o matámos?

— Pois não matarão!

— Então vocemecê acredita que o Mouro está...

— Vivo e são, Sr. Marinilla, e devorando quantos infelizes paixão pelo valle.

— Ora vamos, Sr. Peres, uós não somos como as velhas. O pobre do Mouro é que, a esta hora, deve estar comido dos bichos.

— Pois sim, fie-se nisso! tornou o pagem.

— Deixemos lá o maldito infiel, acudiu outro, e fallemos da noiva.

— Esperem por essa, redarguiu o Peres cruzando uma perna sobre a outra, e tornando a olhar para o tecto. Não estou para contar historias, como diz o Sr. Marinilla!

— Pelo que vejo não me querem cá, disse Marinilla; pois eu vou-me embora; e sahii fechando a porta sobre si com estrondo.

— Agora, que já se foi o Marinilla, pôde contar á sua vontade.

— Não quero caçal-os com historias da *ca-rochinha*!

— Não faça caso do que diz aquelle doutor; nós todos damos muito credito ao que diz o Sr. Peres.

— A inveja é que faz fallar o Marinilla.

— Vamos.

— Fallarei; mas cuidado não me interrompão.

— Esteja descansado.

— Não se ha de ouvir nem um pio.

— Vou começar.

Tossiu o Peres, e começou do seguinte modo:

— Já sabem que o Mouro fingiu-se morto, e que o leváráo Gusman e os tres irmãos Vargas,

lá por esses montes fóra. Ora pois; ia rompendo o dia quando voltou o Sr. Roman!...

— Bem o vimos...

— Temos interrupções?...

— Calada, deixem fallar o Sr. Peres só!

— Pois veiu; mas não veiu só! — Vinha com uma mulher; Deus me perdoe se ella não é moura, que o parece^o pelas botiças. Enfim, eu cá de mim para mim tenho razões para suppôr que era a mulher do Mouro. A senhora pôz-se a fazer-lhe mimos, mas ella, em paga, quiz-se safar; porque D. Roman deixou-a encarregada ao Sr. Marquez. Eu estava presente.

A maldita... mal que viu que se ia embora o outro, começou a correr e a pular para o seguir. Então a senhora mandou-a metter n'um quarto. Que força que ella tem! Mas assim que deu com os olhos nos tres irmãos Vargas, que tambem estão enfeitçados, amansou um pouco. Ia eu dizendo que a senhora a tinha mandado fechar n'um quarto. Vou eu espreitei pelo buraco da fechadura, e vi-a sentada no chão como os mouros... Hem?... ora veção lá se eu hei de entender da cousa ou não! disse o Peres, piscando um olho.

— Sáfá!

— Calada!

— Era moura, e tão moura que era a mulher do Mouro! Ora já sabem o que é gentinha desta qualidade? Estaria com o Mouro, viu D. Roman vestido de christão, e como ellas não tem nem rei, nem roque; abalou-se com elle... Pois a maldita sahii a noite passada do seu quarto. Isto foi a senhora que o contou ás suas damas. Digo, sahii a procurar o fidalgo que acompanhava o príncipe, que Deus guarde, e lá foi dar com elle... O certo é que a senhora pihou-os juntos, e como é muito boa christã, tratou de os casar. Preparou-se tudo. A senhora presentcou-a com um vestido de seda branca bordado de ouro, muito para vêr, e um collar de perolas finas. Já estava tudo prestes na capella. Nessa occasião vim cá fóra... não importa saber para que...

— Adiante, Sr. Peres.

— D'alli a poucos instantes ouço bulha, olho, e vejo a modo um môcho como arrastando um vulto escuro. Estava negra a noite como a alma de um condemnado... O môcho assoprava e gemia... Eu galgo a correr até ao castello, e sem dizer nada do que tinha visto, metto-me na comitiva que seguia já para a capella. Fartámo-nos de esperar a noiva, e ella sem apparecer. Por fim a senhora disse que a noiva tinha fugido. O fidalgo sobresaltou-se todo. O noivo pergunta como se entende aquillo. O príncipe manda que a proctrem... Pois sim, hão de encontrar-a bem, agora!

— Mas, porque fugiria ella?

— Isso agora é que falta explicar!

— Deixem concluir o Sr. Peres.

— Cá o que eu penso é isto. Os mouros são muito cícosos. O outro viu que sua mulher tinha abalado com um christão... não quiz que ella casasse duas vezes..., e quando ia a entrar na capella, metto-se de certo pela janella, e levou-a. O môcho que eu vi era ella, e o vulto negro era o Mouro, que a levaria agarrada pelo

gasgavete, e por isso assoprava e gemia. Maldita seja a sua alma, indigna Moura. Porque se não havia de ella contentar com um marido só?

— E' o mesmo que eu digo a minha mulher!

— Mas essa é christã!

— Sim, mas tem tomado muitas das manhas dos infiéis, com têt-os tratado...

— E quem é que os não tem tratado? se os mouros até nos perseguem nos castellos?!

— Com que então não appareceu a noiva?

— Qual apparecer? A esta hora, já o Mouro, justamente irritado, a terá fumado no seu cachimbo, com perolas e tudo.

— Que demonio!

— Ah! os mouros são muito carnivoros. Chão então crendeiro á gente...

— Acabou-se a historia? perguntou Marinilla, da porta.

— Acabou-se.

Marinilla entrou, olhando de revez para o Peres, e rindo á sucapa; este pôz-se a olhar para o tecto, como se nada percebesse.

— Virão como elle se riu? disse o pagem quando o outro sahia.

— Não faça caso d'elle, Sr. Peres, e conte sempre com a nossa attenção,

— Deus lh'o pague, respondeu este enternecido; e pôz-se a resar nas contas.

(Continua.)

POESIA.

A UMA ESTRELLA.

Eu não tenho na terra os meus amores,
Alma afinada pelos sons da minha
Só existe no céo: — é nivea estrella!

JOÃO DE LEMOS.

Estrella, que fulges com tanto danaire,
Vaidosa de ver-te por todos olhada,
P'ra onde correras, se visses uns olhos
De virgem formosa, d'um bardo sonhada?

Estrella, que enfeitás as tranças da noite
Oh! diz-me, mimosa; se acaso fugiras,
Se joven revisses mais bella, que as fadas
Sentadas n'um throno de esbeltas saphiras?

No leito em que vives teus prantós soltaras,
Se a veste, que trajas de cõr argentina,
Por modo feitiço te fosse offuscada
Por vestes mais puras de face divina?

Se as tranças ethereas de etherea menina
De passo divino p'ra terra só vinda,
Revisses n'um collo de têt marfilosa,
Brilhante e formosa te creras ainda?

Se ouvisses a falla dos labios soltada
Tão doce tão meiga, tão pura, e tão bella
Negaras, que os anjos do céo, sobra a terra
Rival encontrassem n'uma alva donzella?

Nem sei se donzella, se virgem, se fada,
Se filha encantada do céo do propheta,
Se n'um e do Elysio, que a terra calenta,
Se virgem, que inventa scismar de poeta...

Não sei: e quem póde, se visse os seus traços,
Pintar-mé, dizer-me quem era, o que vi?
Mas seja do Elysio, mas seja da terra,
Da terra, ou do Elysio, por ella morri!...

Que dizes, estrella? mimosa, que pensas?
Ah! nada? soberba! porém se a reviras,
De certo nos ares brilhando formosa
P'ra a terra e seus filhos jámais te sorriras!

Mas ah! que cogitas, mimosa que fazes?
Teus brilhos encurtas, não queres brilhar?
Tu corres? tu fogês? pois vai, linda estrella,
Meu anjo, e minha alma nos céos encontrar?

Pois vai, que sorrindo de mim se te occultas,
E' só porque almejas doar-me ventura!
Já sei, essa virgem tambem é um astro,
Vai, pois entre os astros, a virgem procura!

E logo que a vires brilhante e formosa,
Sorrir-me donósa, sorrindo com ella,
Que á estrella singella, que ousei ter amores,
Nadando em fulgores, será lá mais bella!

Rio de Janeiro.

F. G. da Silva.

O PULPITO CINZENTO.

O castello d'Esnes é uma dessas velhas habitações, fendas que se encontram tão frequentemente pela Flandres. Ao invés da maior parte das outras fortalezas, construirão esta no fundo de um valle dominado por todos os lados por eminencias; e suas muralhas, de enormes pedras brancas, longe de estarem enegrecidas pelo tempo, destacão-se resplandecentes sobre a sombra verdura de um bosque immenso. Não se sabe a epocha exacta em que foy construido o castello d'Esnes e a sua architectura cheia de extravagancia e de um genero particular, não dá luz alguma a tal respeito.

Na extremidade septentrional do castello, e por uma excepção, de que é difficil dár a razão, eleva-se uma pequena torre, construida em pedra lioz e cujas formas ellegantes e leves appresentão com o resto da habitação um contraste dos mais singulares. Seus arcos diagonaes, de triplice colonata são unidos entre si por uma cabeça de uma expressão chocarreira e nas paredes figurinhas, de um trabalho esquisito, juntão as mãos na attitude de oração. Os olhos feridos pela brancura uniforme de tudo que os cerca, descaução com prazér sobre esta deliciosa pequena construção, que faz lembrar pela sua forma o que se chama em architectura militar, *ninho de andorinha* mas que não pôde servir de maneira alguma á defesa do edificio. Os habitantes do paiz designão este objecto com o nome de *caiere grise* (pulpito cinzento) sem duvida por causa da cor da pedra com que o construíram.

Os Flamengos gostão muito do maravilhoso, para não explicarem pela intervenção do Diabo a origem do Pulpito cinzento e eis aqui a tradição a tal respeito espalhada.

Quando S. Vaast, o apostolo da Flandres, veiu pregar o christianismo nesse paiz barbaro, os seus milagres, muito mais do que as suas predicas, convertião os selvagens Nervianos. Satanáz deu gritos de dôr vendo aquelles, que olhava outrora como uma presa certa, correrem ao en-

contro do santo bispo e receberem delle o baptismo e a verdadeira fé. Resolveu, para manter o seu poder vacillante, oppôr milagre a milagre e para isso fez cahir o fogo do céu sobre o castello d'Esnes de que não mais ficou pedra sobre pedra.

O barão d'Esnes proprietario dessa habitação, era um dos novos convertidos; correu todo banhado em lagrimas aos pés de S. Vaast, supplicando-lhe, reconstruisse o seu castello por meio de um milagre. O santo respondeu ao novo christão com uma admoestação paternal e lhe prégou a resignação aos decretos da vontade divina.

Quando o barão voltava triste e contrariado appareceu-lhe o Diabo e lhe offereceu reconstruir em uma noite, o castello queimado, se o barão quizesse abjurar a sua nova religião. O barão aceitou o partido e no dia seguinte, com grande surpresa de todos os habitantes, o castello d'Esnes, reconstruido de uma nova maneira, appareceu no logar das ruinas fumegantes e dos destroços, que na vespera cobrião a terra.

Uma tão grande maravilha abalou bastante as testemunhas da recusa que tinha feito S. Vaast de operar uma semelhante. O apostolo, para destruir esta má impressão derigiu-se ao castello d'Esnes e como se lhe recusasse a entrada encostou-se ás fortificações para fallar á multidão, que de todas as partes accorria. Em quanto o santo urava fazia uma exhortação a esses christãos titubeantes na sua nova fé, um raio brilhante do sol veiu cahir sobre a cabeça calva do velho: de repente quatro anjos descerão dos céos e construíram em torno delle o Pulpito Cinzento. A este milagre, de que forão testemunhas mais de quatro mil pessoas, diz a tradição as blasphemias tornarão-se em orações, e todos aquelles, que ainda não tinham recebido o baptismo o receberão immediatamente das mãos de S. Vaast. O mesmo Barão d'Esnes não poude resistir a esta prova do poder de Deus; e o Diabo confundido e expulso com algumas gotas de agua benta, voltou para os Infernos.

BOLETIM MUSICAL.

Leitoras, desculpai-me o silencio em que fiquei, ha um mez: mas hem sabeis que não foi por falta minha que deixou de haver materia com que eu pudesse occupar-me em um artigo digno de vós: conquanto no domingo passado a falta de espaço não permittisse a publicação deste artigo.

Felizmente a semana, atrasada, nos forneceu assumpto para um boletim, e eis-me prompta a contar-vos tudo quanto me foi possivel ver ou saber: A primeira noticia que vos darei é a da reentrada do Sr. Ferranti para o theatro lyrico e o seu apparecimento em scena, na noite de 23,

na opera *Barbeiro de Sevilha* Vós todas conheceis e appreciaes o artista de que vos fallo, e julgo por isso inutil descrever-vos o seu talento, e tecer-lhe elogios. Só vos direi que, apesar do máu tempo, houve grande numero de espectadores nessa noite, que o scenario encheu-se de flores e em toda a sala echoárão os applausos com que o predilecto artista foi recebido. Felicitemos a directoria pela aquisição que fez deste distincto actor.

Na noite de 29 houve uma dessas scenas que são raras entre nós, mas que tem sempre novidade e interesse. Fallo-vos de concerto vocal e ins-

trumental dado pelo distincto pianista, o Sr. Arnaud, em seu beneficio, no salão do theatro lyrico. O beneficiado foi honrado por Suas Magestades que se dignarão de ir ao seu concerto.

O eximio pianista executou diversas peças de sua composição com a perfeição e gosto que o distinguem, e foi secundado por todos os cantores e cantoras da companhia lyrica. a Sra. Lucas brillou na execução de um lindo romance. As Sras. Charton e Casaloní conquistarão entusiasticos applausos por diversas vezes. O Sr. Helena, executando em rebeca escolhidos pedaços, recordou-nos os talentos dos Robio, dos Noronha e de outros distinctos rebequistas aos quaes elle não é inferior. Seria impossivel fazer-vos sentir nos limites deste artigo todas as bellas das peças executadas: mas apenas vos direi que, sendo difficil a escolha que se houvesse de fazer para preferir algumas das partes de que se compoz este concerto, foi todavia distincto pela originalidade um tercetto jocoso, que á instancia dos espectadores foi repetido, e freneticamente applaudido. Achavão-se no salão cêrca de mil pessoas, trajado como para baile, e terminou esta reunião á meia noite com geral satisfação de todas as pessoas convidadas.

Na sexta-feira subiu já scena a opera — *Anna Bolena* — em beneficio do Sr. Bouché. O theatro gemeu sob o peso do grande numero de espectadores. A peça foi montada com acieo e luxo, e a sua execução não deixou de ser satisfactoria, cabendo as horas dessa noite ao Sr. Bouché, que, quer como actor, quer como cantor, temnos mostrado bastante capacidade e bella voz; pelo que merece sempre os elogios do publico.

O nosso joven patricio, o Sr. Pitanga, mereceu tambem de Suas Magestades a honra de assistirem ao seu beneficio, que teve logar no theatro de S. Pedro, onde executou em violoncello, alguns lindos pedaços de musica, recebendo graes applausos. Desejamos a este novo

artista um futuro de gloria na carreira a que se dedico.

Nossas leitoras estarão lembradas de que lhes noticiámos em um artigo a proxima visita do insigne pianista Talbert á esta corte; e o *Journal do Commercio* de quinta-feira confirmou esta noticia, acrescentando que elle virá no proximo paquete que partir de Southampgn.

As pessoas que fazem da musica a sua occupação ou seu passatempo, noticiamos que a Casa BRANDUS, de Pariz, empreehde hoje a publicação da *Bibliotheca Musical*, que não comprehenderá menos de cem volumes, dos quaes trinta e cinco, repertorio unico de tudo quanto os mestres antigos e modernos tem produzido de mais bello; serão consagrados ao canto e divididos pelos registros da voz, isto é, cinco ou seis volumes para tenor, sete ou oito para soprano, etc.; quarenta volumes pouco mais ou menos, destinados aos pianistas, conterão a reproducção a mais correcta das obras de Beethoven, Mozart, Meudelssohn, Seb. Bach, as de Chopin e dos mais illustres pianistas modernos: vinte e cinco volumes formarão a parte da rabeça, violoncello, flauta e outros instrumentos.

A *Bibliotheca Musical* assim composta, abrangendo ao mesmo tempo o passado para os grandes classicos, o presente para a nata das celebridades contemporaneas, o futuro para as novas gerações, não será só um verdadeiro monumento erigido á arte musical, tornar-se-ha o guia indispensavel do compositor, do professor e do amator, que terão d'ora avante a sua bibliotheca de musica, como o sabio, o litterato, o poeta tem a sua bibliotheca litteraria ou scientifica.

E quanto de importante nos occorre noticiar-vos neste artigo: esperando que no proximo domingo tenhamos assumpto para consagrar-vos algumas lihas.

Corina.

VARIÉDADES.

Orgão da vista.

Para bem comprehender o phenomeno da visão, é preciso conhecer as leis a que está sujeita a luz.

Quando a luz espalhada pela natureza, e que ahí se move em todos os sentidos, encontra um corpo; ella nelle se reflecte se esse corpo é opaco e se apresenta uma superficie polida, ou bem ella o atravessa se o corpo é diaphano, ou enfim é absorvida em parte, como quando toca em um corpo opaco, porém não polido. Neste caso, e segundo a natureza dos corpos, os raios que são reflectidos colorão-se diversamente.

São os raios coloridos, emanados do objecto para que olhamos, que vem pintar no fundo de nossos olhos, a imagem desse objecto.

Os raios luminosos, antes de chegarem aos

nossos olhos, atravessão corpos de differente natureza, como o ar, a agua, o vidro, etc., etc.

Sahindo de um corpo para entrar em outro, o raio luminoso experimenta uma quebra que o faz desviar sensivelmente da linha que seguia.

Assim por exemplo, um raio que cahê sobre a superficie da agua nella penetra, mas em logar de seguir para atravessar o mesmo prolongamento, parece quebrar-se e tomar uma direcção mais ou menos afastada da primeira, segundo a natureza do liquido. O mesmo acontece quando o raio sahe de um liquido para atravessar o vidro, e enfim todas as vezes que muda de centro.

Pôde-se verificar esta propriedade da luz, pondo no fundo de um vaso uma moeda e collocando-se a pessoa de maneira, que a borda do vaso impeça de a vêr. Se, sem mudar de posição, se encher o vaso com agua, a moeda sera

visível, porque os raios quebrar-se-hão sahindo d'água para entrarem no ar, e se inclinarão para os olhos. Este desvio que se chama refração da luz, não tem lugar se o raio caher perpendicularmente sobre a superficie de um corpo.

E' preciso notar, que, quando a luz sahe de um centro de fraca densidade (?) como o ar, para entrar em um corpo mais apertado como a agua ou o vidro, o raio quebra-se de maneira a approximar-se da vertical na superficie dos dous corpos. O contrario acontece passando de um corpo denso para outro mais ligeiro.

Se o corpo no qual entra uma facha luminosa apresenta uma superficie arredondada, todos os raios approximaudo-se da perpendicular nos diferentes pontos de immersão, se approximaão um do outro. A curvatura circular tem a propriedade de os reunir todos em um mesmo ponto onde se cruzão. E' segundo este principio que se fazem as lentes de vidro, que servem para os instrumentos de optica.

O contrario acontecerá se a facha penetra por uma superficie concava. Então em lugar de convergirem para um mesmo ponto, os raios se afastarão uns dos outros.

Não insistiremos mais sobre o poder das lentes; o que temos dito basta para explicar de que maneira a imagem dos objectos se pinta nos olhos.

Os olhos compoem-se de dous segmentos de esphera de diferentes raios collocados um contra o outro.

O maior segmento fórma o globo do olho, e o mais pequeno a menina.

A fórma espherica é determinada por um envolturo espesso e fibroso que se chama *cornea*.

A porção da cornea que cobre a menina é transparente, o resto que fórma o branco do olho é inteiramente opaco.

Nos pontos em que a cornea torna-se transparente para formar a menina, acha-se estendida uma cortina circular fendida no centro: esta membrana é o iris, e é ella quem dá aos olhos a sua cor.

O buraco do centro chama-se *pupilla*.

A pupilla tem a facultade de augmentar ou diminuir, segundo o objecto que se apresenta á vista está mais ou menos illuminado. Desta maneira uma luz mui viva não fatiga os olhos. Assim ao sol, a pupilla contrahe-se muito, ao mesmo passo que na obscuridade dilata-se consideravelmente, sobretudo em alguns animaes, que, como o gato, o mocho, etc., distinguem os objectos durante a noite.

E' esta propriedade da pupilla que faz que a passagem subita da obscuridade á luz occasiona

(*) A densidade dos corpos é tanto maior, quanto se compoem de moleculas mais apertadas: assim o chumbo tem mais densidade do que o páo, o vidro do que a agua.

uma sensação penivel, até que o delicado orgão esteja convenientemente apertado.

Por detraz do iris, em uma membrana particular e perfectamente transparente, acha-se suspenso o *cristallino*, o qual divide o olho em duas camaras, uma anterior, contendo o humor aquoso, e outra posterior, contendo um humor a que se deu o nome de *humor vitreo*, por causa da sua semelhança com o vidro derretido.

O fundo do olho é tapçado de uma membrana preta, sobre a qual vem abrir-se o nervo optico e ahí formar a *retina*.

O globo do olho acha-se encerrado em uma concavidade guarnecida de substancias moles a que se chama *orbita*; ahí pôde mover-se em todos os sentidos, a fim de dirigir a vista para diferentes lados.

Por diante da orbita achão-se as palpebras, que podem á vontade fechar a sua abertura, e são armadas das pestanas que defendem os olhos, e detem os corpos duros que nelles poderiam entrar.

(Continúa)..

Anecdota.

Só ha duas cousas soffrivéis neste mundo, dizia uma senhora de muito espirito, e cuja perna, ainda mui delicadamente torneada, via-se coberta com uma meia de seda levemente anilada: — o amor e o trabalho. — De certo! replicou o marido, isso é verdade... tanto que o amor não se torna em um trabalho.

CHARADA.

Menos que nada;	1
Quasi que nada;	1
Sem sceptro ter	
Rei dizem ser:	2

Met'oro immenso que assombra o mundo
N'um instante de tempo, — comparado
Á' immensa eternidade, em que seu nome
O mundo echoará inda assombrado!

Joséfon.

Acompanha este n.º 25 uma estampa com figurinos de baile e de meninos.